



Por uma teoria espírita
sobre gênero e sexualidades:
um diálogo decolonial



© 2025 – Alexandre Júnior
Por uma Teoria Espírita sobre
Gênero e Sexualidades:
um diálogo decolonial

ALEXANDRE JÚNIOR

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Luiz Gustavo O. dos Santos

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Martha Saraiva

ISBN 978-65-988297-1-1

2ª Edição – 2025

• Impresso no Brasil

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Alexandre Júnior

Por uma teoria espírita sobre gênero e sexualidades: um diálogo decolonial / Alexandre Júnior
– 2ª edição, Limeira, SP: O Espírito Político, 2025.
162 p.

ISBN: 978-65-988297-1-1

1. Espiritismo 2. Justiça social 3. Identidade de gênero 4. Sexualidades I. Título

25-4173

CDD – 299

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

ALEXANDRE JÚNIOR

Por uma teoria espírita sobre gênero e sexualidades: um diálogo decolonial

2ª edição – 2025





Chegamos como quem chega com entusiasmo e vontade de inovar.

O Espírito Político é um selo editorial que se dedicará à promoção de obras que unem a profundidade filosófica à reflexão crítica sobre sociedade, política e espiritualidade, com base nos princípios defendidos por Allan Kardec, que aliás permanecem urgentes e necessários em nosso tempo.

O Codificador nos advertia que a união de pensadores progressistas é essencial para combater os males que corroem a civilização, ou seja, a união contra “os preconceitos sociais, a rotina, o fanatismo, a intolerância e a ignorância”.

Esta é justamente a nossa missão: publicar obras que não somente analisem estruturas políticas, mas também promovam uma visão de sociedade baseada na solidariedade, na ética e na justiça social.

Contudo, nosso selo não se restringe somente à espíritas. É um convite a todos que buscam uma sociedade mais racional, que luta por igualdade e justiça. E, portanto, está destinado a obras de autores diversos, desde que respeitem os princípios de liberdade, tolerância e empatia, já que “a diversidade de pensamento é uma força quando orientada para o bem comum”, conforme publicara Kardec em sua *Revista Espírita*.

Convidamos todos os pensadores a se unirem a nós nesta jornada editorial, em que cada livro será um passo em direção a um mundo mais justo e solidário.

Compartilhem com amigos e seguidores!

Instagram: @oespiritopolitico

E-mail: livros@oespiritopolitico.com.br

Whatsapp: 19 99904-0402

Em breve: www.oespiritopolitico.com.br

SUMÁRIO

Amor Marginal	7
Wilson Garcia	
Apresentação	9
Luiz Gustavo Oliveira dos Santos	
Prefácio	11
Célia Arribas	
Prefácio à segunda edição	18
Introdução	30
Um	
Espiritismo	33
O Espiritismo, essencialmente progressista	33
Por uma crítica social espírita	41
Por um Espiritismo socialmente engajado	49
Dois	
Espiritismo em perspectiva com as políticas sociais	61
Espiritismo, políticas culturais e identitárias	61
Um olhar decolonial espírita	70
Espiritismo e necropolítica	94



Três

Por um conceito espírita sobre gênero e sexualidades	110
O Espiritismo, a produção de saberes e o diálogo com os movimentos sociais	110
Como construir diálogo espírita sobre gênero e sexualidades	126
Por uma teoria espírita sobre gênero e sexualidades	140
Lídia Valesca Pimentel	
Posfácio	152
Bibliografia	157

Minha escrita marginal é um convite a uma parceria delinquente com o amor! Não desejo ser um ingênuo marginal! Mas com a certeza de que, mesmo diante do caos, ele, o amor, é teimoso como a natureza e, em assim sendo, insiste e resiste em não morrer!

Minha intelectualidade é marginal, está à disposição dos fora da lei, ao menos daqueles que reconhecem a importância de amar, principalmente quando os tempos áridos de afeto teimam em naturalizar nossa versão de desumano!

A minha ação no mundo é marginal! Teima de forma sistemática e amorosa a não se render aos descalabros dessa naturalidade tóxica.

Mesmo que, muito próximo de nós, surjam os odores carregados de ódio e morte, é o amor pela vida que nos une!

Esse amor social é tão real e verdadeiro, que é ele que, de forma desassombrada e corajosa, se posiciona diante das desigualdades e injustiças que matam!

Esse mesmo autêntico sentimento nos mostra, sem deixar dúvidas, que o alimento do ódio é a classe, a cor, é o gênero, o território; é a origem, é a vida!

É necessária, em muitos casos, a marginalidade para poder segui-lo, já que a transgressão contra tudo que mata e inviabiliza a vida é genuinamente afetuosa e acolhedora, mesmo que seja firme a ponto de se envergar flexivelmente sem quebrar!

Minha resistência é marginal, aliada dos excluídos, não necessitada dos holofotes, filha diletta da convicção democrática, natural que se choque com as convenções sociais que inviabilizam a poesia; aliás, esses pactos, em sua produção de regra moralizante, nada mais são que a viva e envernizada hipocrisia nossa de cada dia.

Minha existência é marginal. As escolhas produzidas em nossas trajetórias delineiam quem está ombreado conosco. A marginalidade que nos forma de maneira natural e honesta nos aproxima dos que têm suas vozes e vidas interrompidas, e rogamos por esse caminhar conjugado aos excluídos e violentados. Seria deprimente olhar para trás e enxergarmos rastros vis, ao invés de pegadas firmes e convictas de resistência!

O amor marginal não nos torna covardes ou inocentes, ele produz um vigor tão profundo, pois só ele é capaz de alimentar a disposição para a luta, mesmo quando as condições dessas pelejas sejam absolutamente adversas, desiguais, desumanas, violentas, e que sempre nos ponham em situação menos favorável e desguarnecida de leis e direitos.

Há uma ode que soa, é um som inquebrantável que só a consciência tranquila e a certeza de se manter ativo são capazes de propiciar.

Por fim, esse amor marginal, que não possui religião, dogma, livro sacro, personificação, ele é tão humano, tão possível, que transcende, transcende a personificação e formas, ele apenas existe, apenas é real. Ele nem sempre estará onde o procuramos!

Chamo-me amor marginal. Marginal, real, transcendente, possível. Marginal, vivo, social, político, engajado. Marginal. Marginal. Marginal. Marg...

O Autor.

Tem muita gente a dizer maravilhas de José Herculano Pires, mas o lendo apenas pelo prisma das sintonias de pensamento ocasionais, pontuais ou dos interesses particulares. Do pensamento por inteiro do célebre escritor e consagrado filósofo espírita, passam ao largo. É como aqueles biógrafos que escrevem sobre admiráveis pessoas e suas vidas extraordinárias, mas colocam uma lona pesada sobre momentos importantes de suas trajetórias a título de esconder a realidade dos indivíduos maravilhosos, mas humanos, para que apareçam apenas diáfanos como anjos e querubins, que jamais pisaram em solo árido. Admiradores parciais de Herculano deveriam ter permanente cartaz diante dos olhos, com sua sentença cortante: “Quem não defende a Verdade traída e conspurcada pela mentira não é digno dela. E quem não é digno da Verdade entrega-se à mentira.” ^[1] Assim, com o tempo, se habituariam com o consolo, que afaga, e a enxada, que elimina as ervas daninhas dos espaços vazios dos fatos históricos.

Alexandre Júnior está, de novo, no campo do livro, oferecendo-se à sentença dos leitores com mais esta obra, singela na sua formatação física, mas como candidata às reflexões mansas ou bravas dos que se propuserem a compulsá-la. Este *Por uma teoria espírita sobre gênero e sexualidades: um diálogo decolonial* segue a linha do seu primeiro ensaio de título *Espiritismo, educação, gênero e sexualidades: um diálogo com as questões sociais*, mas com uma notável vantagem: o amadurecimento textual de quem se mostra determinado a adquirir o respeito e a admiração pelo esforço do aprimoramento constante, não apenas por conta do estilo pelo estilo, senão também

[1] J. Herculano Pires, *O centro espírita*, ed. Paideia, capítulo III, “O centro e a comunidade”.



pela noção clara do dever de aprimorar-se sempre e sempre. A verve, contudo, se mantém em sua determinação de expor a verdade sem ceder aos interesses do compadrismo ou ao temor dos grupos sociais discordantes.

O foco, o objetivo central e os temas, a proposição de mudança do olhar do movimento e dos centros espíritas, tudo isso se mantém. Alexandre Júnior pôs no radar a importância de convencer pelo diálogo os espíritas, de modo geral, a compreenderem que, por trás das barreiras que se erguem contra as conquistas das minorias sociais, do racismo estrutural, dos grupos LGBTQIA+ no Brasil, estão profundas raízes dos interesses dominantes desde o período colonial. Por isso, fala aos espíritas, especialmente ao movimento conservador majoritário, com argumentos sólidos, em vista de obter mudanças justas na recepção e convivência com esses grupos, superando de uma vez por todas a histórica e injusta desconsideração para com seus direitos humanos.

Dou a este segundo livro do Alexandre Júnior sinceras boas-vindas. Se o primeiro acompanhei *pari passu*, desde o início de sua escritura, e avalizei com prazer sua publicação, a este apenas recepciono como leitor que o abre por primeira vez e folheia, ávido e curioso. Ao final, com certeza, se tem, como terá o leitor outro, uma apreciável recompensa.

São Paulo (SP), 29 de julho de 2023.

“Construir uma sociedade que se ame”! Esse é o fim almejado pelo autor desta obra importante, propositiva e convidativa. Para tal objetivo, o Espiritismo surge como o grande motivador, o sublime impulsor, servindo ainda como sua indispensável base filosófica. Afinal, é fato que o Espiritismo, conforme Allan Kardec o apresentou ao mundo, a partir de seu método e dos conteúdos espíritas recolhidos, propõe o progresso social, como o progresso de todas as coisas. *O progresso social, político, econômico, está no escopo do Espiritismo.* É lastimável que o – assim designado pelo autor – “Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado” ainda promova a inviabilização dessa temática, o que acaba produzindo a alienação dos adeptos, a ignorância e a superstição. Disso resulta a inércia, por isso, já não surpreendente, dos espíritas atuais na transformação da sociedade. Triste quadro desse Movimento, tão apartado dos pioneiros espíritas – Léon Denis, Cairbar Schutel, Cosme Mariño, Maurice Lachâtre, Anna Blackwell –, quanto dos autênticos filósofos espíritas, comprometidos com Kardec, em meados do século XX – J. Herculanio Pires, Humberto Mariotti, Deolindo Amorim etc. Felizmente, numerosos espíritas têm feito jus à doutrina, resgatando seu inestimável pensamento social; muitos dos quais, atuando em coletivos espíritas ou independentemente, são honrosamente mencionados neste livro.

Um primeiro passo que poderíamos traçar para a compreensão e a prática consciente, completa, do

[2] Professor de Filosofia e coordenador pedagógico na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Mestre em Filosofia pela UnB – Universidade de Brasília. Especialista em Filosofia Política pelo antigo IESCO – Instituto de Ensino Superior do Centro-Oeste. Cofundador da SKEE – Sociedade Kardecista de Estudos Espíritas. Autor; tradutor; palestrante e dirigente de estudos espíritas.



Espiritismo consiste nisto: o resgate do pensamento originário de Allan Kardec e de seus mais autênticos e comprometidos seguidores. Segundo passo, por conseguinte, consiste em identificar os desvios e anacronismos pelos quais enveredam os espíritas e o dito Movimento, em nosso país e no mundo, tomando a tarefa de criticá-los e evitá-los. Essas duas grandes preocupações estão bastante presentes nesta obra. O cuidado em trazer Kardec, seu conteúdo essencial e insofismavelmente progressista, para respaldar os temas tratados, se apresenta em todos os tópicos. A desnaturação doutrinária realizada por esse Movimento Espírita também não deixa de ser aqui devidamente denunciada e criticada, o que convém fazer aquele que deseja bem aplicar a doutrina. Afinal, *a busca por uma sociedade que se ame, que se respeite, que busque a liberdade, a igualdade, a fraternidade verdadeiras não pode se dar pelo recurso a mistificações, a falácias, a recortes interesseiros e a alienações*. Essa proposta é tratada com propriedade neste valoroso escrito – que dá continuidade à obra anterior do autor: *Espiritismo, educação, gênero e sexualidades: um diálogo com as questões sociais*.^[3]

Com efeito, importa cumprir aquilo que Kardec já havia indicado como caminhos para a prática espírita e até como antídotos contra os erros dos adeptos: *fazer o Espiritismo caminhar lado a lado com a Ciência*^[4] e *examinar tudo*^[5]! Hoje, porém, em abandono dessas diretrizes, infelizmente se dogmatiza o “credo”; estuda-se a doutrina de forma aparentada a uma catequese; praticamente se idolatram médiuns e Espíritos. De fato, a essa fé cega disseminada por muitos adeptos e dirigentes no Movimento Espírita Hegemônico, *Kardec já opunha o tratamento científico e filosófico da doutrina, estimulando a discussão, os questionamentos, a exigência de argumentação, de razões, antes de toda aceitação: a*

[3] 1º Edição Publicado pela CBA Editora, em Recife, 2022. 2º Edição. 2024. Editora do Conhecimento. Limeira SP.

[4] *A Gênese*, cap. I, n. 55.

[5] *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, II, “Controle universal do ensino dos Espíritos”.

fê raciocinada. Em lugar da mistificação e mesmo do negacionismo científico adotados por tantos espíritas, desvirtuados pela postura “oracular” de médiuns e Espíritos no referido Movimento, *Kardec já reforçava que os avanços das Ciências devem determinar avanços nos próprios pontos da doutrina que tenham contato com elas – sejam as Ciências da Natureza ou as Humanas*^[6]. Para muito além do que esse Movimento propõe como práticas espíritas individuais, focando apenas em sentimentos e boas ações, *Kardec já ensinava que, além disso, o indivíduo tem responsabilidade coletiva na melhoria do meio social em que vive*^[7]. Os próprios estudos espíritas, conforme Kardec os praticava, inserem os dilemas, as dificuldades da vida e da sociedade, fatos jornalísticos etc. nas discussões dos grupos, com o auxílio dos Espíritos, que a isso não se furtam, como se vê na *Revista Espírita e no Livro dos Médiuns*^[8]. Diferem bem, portanto, das cartilhas apostiladas, baseadas em fontes mediúnicas não-examinadas, que geralmente se estudam hoje – inclusive, em muitos casos, com emissão de certificado!... Ora, diante de flagrantes incoerências, urge uma crítica fundada, preocupada com os rumos do Espiritismo, com o seu potencial transformador. Nosso autor é muito feliz em ofertar esse olhar crítico ao público espírita e não espírita.

A filosofia espírita, em seu aspecto social, visa *o bem de todos, a providência, a seguridade*^[9], isto

[6] “Por sua essência, ele contrai aliança com a ciência. (...) *O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita*.” (Allan Kardec, *A Gênese*, cap. I, n. 55.) Ao longo da *A Gênese*, Kardec reconhece os avanços de diversas disciplinas da área de Ciências Humanas, como a Antropologia, a Arqueologia, a Economia Social, a Filosofia, a História, a Psicologia etc.

[7] *O Livro dos Espíritos*, n. 573; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVI, n. 7, § 6.

[8] Por exemplo, *Revista Espírita*, jan. 1869, “O Espiritismo por toda parte – Lamartine”; também *O Livro dos Médiuns*, pt. II, cap. XXIX, “Assuntos de estudo”, n. 344 a 347.

[9] Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, n. 685, 704, 793, 881, 888, 916, 930, conclusão n. IV; *O que é o Espiritismo*, cap. II, n. 100. Nesta última, Kardec diz: “Quando a maioria dos homens estiver imbuída dessa ideia [de que a felicidade está na razão do bem praticado na Terra], quando



é, a proteção e a emancipação de todos os membros da sociedade. Por ir além dos privilégios, injustiças e opressões presentes, contrariá-los mesmo, ela se constitui *progressista em essência*, como bem ressalta este livro. O autor reitera, nele, que o Espiritismo é apartidário, mas *nunca apolítico*. O que quer dizer que, embora não adote partidos e/ou candidatos específicos, o Espiritismo se posiciona frente a *conceitos e noções da filosofia política*, sobre temas socioeconômicos como: desigualdade, opressão, preconceito, riqueza, pauperismo, leis civis, autoridade, propriedade, trabalho, direitos, deveres, produção, distribuição, escravidão, guerra etc.^[10] Por isso mesmo, tem posição no espectro político, a régua direita-esquerda^[11]. Ora, progressista que é, o Espiritismo tem a lei de progresso na conta de *lei divina, natural*, portanto, inexorável. Isso o torna revolucionário quanto ao *estado de coisas atual (status quo)*, defensor e promotor de uma sociedade justa, equitativa, protetora, emancipadora. Noutras palavras, ele se contrapõe à mentalidade e à estrutura socioeconômica do mundo de hoje, liberal-capitalista, e dá contornos socialistas-comunistas ao mundo futuro. Por isso, sua posição no espectro político é naturalmente de esquerda.^[12]

Grande é a nossa satisfação em ver, neste livro, o Espiritismo dialogar com os avanços das Ciências, conforme recomendava Kardec. Especialmente, no caso, as Ciências Humanas, a partir de pensadores como Judith Butler, Achille Mbembe, Grada Kilomba, M^a da Glória Gohn, bell hooks, Paulo Freire, P.

ela professar esses princípios e praticar o bem, resultará que *o bem vencerá o mal aqui embaixo*; que os homens não procurarão mais se prejudicar mutuamente; que *regrarão suas instituições sociais em vista do bem de todos e não em proveito de alguns*; numa palavra, compreenderão que a lei da caridade ensinada pelo Cristo é *a fonte da felicidade, mesmo neste mundo, e basearão as leis civis sobre a lei de caridade*." (Allan Kardec, *O que é o Espiritismo*, cap. II, nº 100.)

[10] Constantes em praticamente toda a parte III de *O Livro dos Espíritos*, para começar.

[11] "*Direita/esquerda*: termos usados em política para indicar a dicotomia 'conservadores/progressistas'". (N. Abbagnano, *Dicionário de filosofia*, ed. Martins Fontes, p. 327.)

[12] Ver Notas doutrinárias ND3 a ND5, pp. 37-77 do livro *O Efeito Provável do Espiritualismo Sobre a Condição Social Moral e Religiosa da Sociedade*, de Anna Blackwell, pela EDITORA DO CONHECIMENTO.

Hill Collins e S. Bilge, Franz Fanon, entre outros. O autor tece interessantes relações do Espiritismo com conceitos contemporâneos, tais como *necropolítica*, *interseccionalidade*, *decolonialidade*, *movimentos sociais*, e com estudos atuais sobre *educação*, *gênero* e *sexualidades*. Uma fonte de riqueza conceitual que mune o espírita para oferecer explicações, argumentos a si e aos outros, firmando a caminhada progressiva individual e coletiva. Ocasionalmente, toma lugar seu personagem *Bemvindo X-X*, exemplar ou tipo espiritual que visa aproximar o leitor das reflexões e experiências elaboradas. Tudo isso em vista de valorizar o “Ser-Humano-Espírito-Social” que somos, como designa o autor, e *possibilitar uma teoria espírita sobre gênero e sexualidades* – indo muito além do paradigma da inversão de sexos entre encarnações, uma simplificação costumeira no Movimento Espírita.

Salienta-se, com vivacidade, que os sofrimentos das criaturas na Terra não devem ser enquadrados nos chavões espiritualistas correntes, do tipo: “ele merece, é a lei do carma”, “ninguém é injustiçado”, “é que abusou no passado”, etc. Isso, sim, é um abuso do conceito de reencarnação.^[13] O autor faz ótimo trabalho em desconstruir esses clichês, arguindo que não estamos autorizados a julgar ninguém por suas condições na encarnação. Com efeito, diversos males advêm da má estrutura social^[14] em que vivemos – e que, pela inação, mantemos – e que importa questionar e transformar.

Mesmo os *centros espíritas* ganhariam em buscar o resgate original da doutrina e seu caminhar

[13] Esses abusos são impedidos na própria doutrina, por exemplo, por Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V, n. 4 e 27, também *Obras Póstumas*, pt. I, “O egoísmo e o orgulho: suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los”; por Léon Denis, em *Depois da Morte*, cap. LV, “Questões sociais”; por J. Herculanio Pires, em *O Reino*, cap. 2; por J. Camille Chaigneau, no artigo “Progresso social e reencarnação”, apêndice do livro *O Efeito Provável do Espiritualismo Sobre a Condição Social Moral e Religiosa da Sociedade*, de Anna Blackwell. (Ver, nesta última obra, a nota ND27, pp. 146-155.)

[14] *O Livro dos Espíritos*, n. 760 nota, 781, 885, 947 etc. “A sociedade sofre de vícios que a desonram; ela está sujeita a uma organização política e econômica absolutamente falha.” (Maurice Lachâtre, *O Espiritismo: uma nova filosofia*, cap. 6, “Lei do progresso”, ed. Lachâtre, p. 116.)

progressivo para o futuro. Decerto, eles não devem se estancar, como muitos hoje, na triste condição de simulacros de igrejas – recheados de práticas místicas, de médiuns e Espíritos gurus, propagando o “oásis de indiferentismo” da “reforma íntima” – na feliz expressão de Aylton Paiva^[15]; tampouco devem se apresentar como lugares “sagrados”, “templos espíritas”... Ademais, como aponta o autor, há muitos centros que transpiram preconceito. Por exemplo: uma pessoa LGBTQIAP+ não costuma poder assumir funções de direção ou de coordenação – nalguns, nem participam de reuniões mediúnicas –, sendo levadas para a “desobsessão”. Essa maneira de tratá-la consiste em atitude antiespírita, preconceituosa e materialista, como bem explicará o autor em suas páginas. A invisibilização e a inviabilização das discussões sobre temáticas político-sociais no referido Movimento causam o agravamento da situação. Levando-se em conta, ainda, que tantos ambientes espíritas reproduzem em grande medida a ideologia individualista, capitalista, neoliberal em que vivemos, chegando a descambar para o fanatismo, o fascismo, a opressão, o negacionismo, reflexos de nossa sociedade atrasada, vê-se o quanto o Movimento Espírita Federativo Institucionalizado tem a fazer – após ter se transviado há muito de Kardec e, produzindo sua literatura própria, ter se tornado conservador (em muitos casos, retrógrado mesmo). Daí a importância desta proposta do livro: tornar os centros espíritas em *centros de formação filosófica, centros de educação social*, consequentemente, *centros fomentadores do progresso, da transformação*, como já concebiam Allan Kardec e J. Herculano Pires.

Uma *sociedade que se ame* não comporta preconceito, racismo, LGBTQIAP+ fobia, desigualdades, machismo, opressão, censura, capitalismo, violência, militarismo, misoginia, armamentismo, mitificação/ idolatria, negacionismo, ditadura, fanatismo etc. En-

[15] Na introdução do seu livro *O Espiritismo e a política para a nova sociedade: reflexão e ação para espiritualizar o social*, 4ª edição, ed. Dicesp, 1996.

quanto for portadora desses males, a sociedade sufocará os seres, bem como os amores. Ela deve, ao contrário, ser o campo de cultivo *dos seres, dos amores, das relações sociais, da fraternidade*. Deve se tornar um reino de Deus, isto é, uma sociedade *regida pelas leis divinas* ensinadas pelo Espiritismo, leis de justiça, amor, caridade, igualdade, liberdade, progresso, trabalho etc; que traga em seu bojo o *amor comunitário, a solidariedade social*. O Espiritismo abriga em si essa proposta, como se verá nesta obra. Diversos passos são ofertados para isso. Temos aqui um verdadeiro convite para pensar juntos, construir pontes, discutir as ideias; projetar movimentos e políticas; uma obra que nos brinda com elementos espíritas e científicos para teorizarmos coletivamente sobre o *bem de todos* – esperando que, por nossa ação, venhamos a concretizá-lo em nosso mundo.

Brasília-DF, 4 de agosto de 2023.

Este livro nasce nas encruzilhadas, onde os caminhos se entrelaçam, os múltiplos destinos se encontram, vozes e tradições se misturam. Os saberes mobilizados aqui atravessam diferentes tempos e espaços, corpos e espíritos, buscando por caminhos que abracem simultaneamente a espiritualidade, a justiça social e a desconstrução de práticas e narrativas opressoras.

Em tempos sóbrios de recrudescimento do conservadorismo econômico, político e moral – essa máquina de desumanizar e desqualificar saberes e subjetividades, inclusive dentro do Movimento Espírita –, esta obra surge como um sopro de esperança. Ela nos convida a respirar fundo e a nos fortalecer na ação coletiva, abrindo trilhas para novas formas de sociabilidade fundamentadas no reconhecimento das diferenças e na igualdade essencial de todos os seres.

A proposta que Alexandre Júnior nos presenteia nestas páginas representa um marco no diálogo entre o Espiritismo e as Ciências Humanas contemporâneas. Com sua capacidade de costurar pensamentos aparentemente distantes, tece uma trama em que cada fio se entrelaça, formando pontos de encontro que emergem em sua complexidade. Aqui vemos confluir leituras de Allan Kardec, León Denis, Humberto Mariotti, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Paulo Freire, Achille Mbembe, Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge, Carla Akotirene, Grada Kilomba, bell hooks e Judith

[16] Historiadora e socióloga formada pela Universidade de São Paulo, gosta de investigar como religião, política, gênero e sexualidade se entrelaçam e moldam o mundo em que vivemos. Autora do livro *Afinal, espiritismo é religião?* (Alameda/Fapesp, 2010), já publicou artigos sobre espiritismo e suas conexões com a vida social e cultural brasileira. Professora de Sociologia na Universidade Federal de Juiz de Fora, entre aulas e pesquisas, dedica-se a entender a história e o desenvolvimento do espiritismo no Brasil – sempre com o olhar curioso de quem sabe que, por trás das crenças, há lutas, disputas de sentido e histórias fascinantes para contar.

Butler. Ao unir o pensamento social espírita essencialmente progressista às perspectivas decoloniais e interseccionais, Alexandre trança reflexões cruzadas sobre espiritualidade, identidade e subjetividade; poder e resistência; opressões e transformação; solidariedade, amor e justiça.

Na correnteza desses saberes diversos, correm visões plurais, integradoras e críticas que, com força e fluidez, dão volume, densidade e movimento às águas do conhecimento. Allan Kardec, León Denis e Humberto Mariotti representam uma espiritualidade centrada no desenvolvimento contínuo do Espírito, com as reencarnações como caminhos de escolhas e aprendizados para o Espírito, cuja essência transcende marcadores sociais, mas que simultaneamente vive experiências encarnatórias concretas onde as múltiplas identidades são constitutivas de sua subjetividade, de seu ser. Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge e Carla Akotirene entendem as identidades sociais, como raça, gênero, classe, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença e da desigualdade, como expressões entrecruzadas que criam experiências únicas de opressão e privilégio. Judith Butler desafia as normas cis-heteronormativas e binárias de gênero e sexualidade, essas mesmas que marginalizam ou apagam as vivências de pessoas LGBTQIA+. Aimé Césaire, Frantz Fanon, Achille Mbembe e Grada Kilomba questionam o legado do colonialismo que hierarquizou, subjugou e explorou povos, corpos, subjetividades e culturas. Paulo Freire reflete sobre uma pedagogia libertadora que vê a educação como uma ferramenta essencial para a conscientização crítica e a emancipação social, e bell hooks contribui com essa visão ao enfatizar a educação como um ato de amor e resistência.

Não é à toa que Alexandre Júnior mobiliza esses autores e autoras. São vozes periféricas, das margens, vozes negras, do Sul global e decoloniais que denunciam as estruturas de opressão e examinam como os eixos de diferenciação e desigualdades foram construídos e perpetrados historicamente. Apontam como

o colonialismo, enquanto projeto histórico e global de dominação, criou e institucionalizou categorias binárias – civilizado/bárbaro, evoluído/primitivo, masculino/feminino, branco/não-branco, heterossexualidade/não-heterossexualidade – que definem ainda hoje os limites de quem é considerado humano e digno de direitos, e quem é relegado à exploração e subjugação.

O diálogo entre Espiritismo e as Ciências Sociais contemporâneas, especialmente as perspectivas decoloniais e interseccionais, é explorado de maneira original e propositiva, e alimenta a construção de novos olhares espíritas sobre as desigualdades, seus mecanismos de funcionamento e as possibilidades de superação. Apesar das diferenças de origem e abordagem, tanto o pensamento social espírita quanto as teorias sociais críticas compartilham preocupações com a justiça, a dignidade humana e a construção de um mundo mais solidário e equânime.

A *interseccionalidade*, conceito desenvolvido pela jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw e expandido por Patrícia Hill Collins, Angela Davis e Audre Lorde, reconhece que as opressões sociais (como racismo, machismo, classismo, homofobia e transfobia) não operam de maneira isolada, mas se interseccionam, criando experiências complexas de marginalização. São autoras negras que, compromissadas com o desenvolvimento de análises críticas da sociedade, aspiram, por meio da coalizão das lutas contra as diversas opressões, à justiça social. Apesar de o termo ter sido cunhado em 1989, autoras latino-americanas como Lélia Gonzalez, Glória Anzaldúa e María Lugones já vinham contribuindo na construção de estudos sobre gênero, raça, classe e sexualidade. Desde então, a interseccionalidade se expandiu para além de uma ferramenta teórica e de ação política, transformando-se em uma abordagem transdisciplinar que nos permite captar as múltiplas camadas de opressão e privilégio que moldam as experiências sociais.

Nesse sentido, as reflexões de Alexandre Júnior apontam para como a interseccionalidade, ao reco-